

**A ERGATIVIDADE KUIKÚRO (KARÍBE):
ALGUMAS PROPOSTAS DE ANÁLISE**

BRUNA FRANCHETTO
(Faculdade de Letras - UFRJ)

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é apresentar algumas hipóteses de análise de certos fatos morfossintáticos da língua Kuikúro, um dos dialetos do Karíbe alto-xinguano, fatos que já descrevi nos seus aspectos mais relevantes em minha Tese de Doutorado e em artigos anteriores (Franchetto, 1988; 1990). Este ensaio pretende retomar os dados Kuikúro para empreender uma interpretação à luz de uma teoria que permita um tratamento integrado de fatos até o momento apenas organizados para fins descritivos¹.

O modelo de análise utilizado é o da versão atual da gramática gerativa (Chomsky 1981, 1982, Riemsdijk e Williams, 1986), com livres referências às propostas de outros autores que se inserem na mesma linha de pensamento, como Marantz (1984) e Jackendoff (1987). Não pretendo satisfazer, neste trabalho, qualquer exigência de rigor formal, abrindo mão até de uma certa heterodoxia de linguagem científica. Interessa-me, sim, iniciar uma análise mais aprofundada da sintaxe Kuikúro. Trata-se de um exercício em andamento e não de uma tese definitiva.

Ao descrever os aspectos centrais da morfossintaxe kuikúro, me deparei com diversas manifestações de ergatividade. Este trabalho se concentra também sobre tais fenômenos, procurando esclarecer o status sintático da ergatividade nessa língua.

O trabalho se organiza em duas partes. Na primeira, sistematizo os fatos a nível descritivo. Na segunda, apresento algumas propostas de interpretação de tais fatos, propostas que levarão a um conjunto de considerações finais sobre a natureza do padrão ergativo de marcação de caso morfológico encontrado no Kuikúro e, concomitantemente, sobre as características das suas estruturas frasais.

(2) TR

- a. kuk - aki - sâ ta- lãlgo léha karaihá - heke
1INCL-palavra-REL escutar-FUT ASP branco-ERG
"O branco entenderá nossa língua"
- b. karaihá -héke kuk-aki-sâ ta-lãlgo
- c. i - ta lãlgo léha karaihá -héke
3-escutar-FUT ASP branco-ERG
"O branco o/a entenderá"
- d. karaihá-héke i-talãlgo léha
- e. i- ta- lãlgo léha i- héke
3-ERG
"Ele o/a entenderá"
- f. u -ta- lãlgo léha i-héhe, karaihá- héke
1-escutar-FUT ASP 3-ERG branco-ERG
"Ele, o branco, me entenderá"

Observe-se nos exemplos (2) o sufixo -heke, marca de caso ergativo no sintagma nominal (nomes e clíticos pronominais) que é agente do verbo transitivo; observe-se também que o argumento de verbo intransitivo nos exemplos (1) e o objeto ou paciente do verbo transitivo em (2) não vêm marcados explicitamente, isto é, o morfema Ø de caso absolutivo une esses dois argumentos distinguindo-os do Agente, um fato típico da ergatividade morfológica.

Além disso, enquanto o sintagma nominal marcado por -heke ocorre em ordem pragmaticamente neutra em posição pós-verbal, podendo aparecer em posição inicial de sentença quando "topicalizado" (informação nova), como nos exemplos (2, b e d), os sintagmas absolutivos ocorrem rigidamente e imediatamente antes do verbo. É impossível em Kuikúro inserir qualquer elemento que separe essa união íntima e essa adjacência imediata, enquanto entre verbo e o sintagma -heke estão frequentemente partículas aspectuais. A relação entre o verbo e o seu argumento nuclear é da mesma natureza da que existe em geral entre modificador e modificado, como na relação genitiva, entre possuidor e possuído, entre sintagma nominal e a posposição que o rege. Há de fato uma marca suprasegmental dessa relação mais geral, pois o acento se desloca da penúltima para a última sílaba do termo determinador que precede o determinado, expressando, assim, a ligação estreita entre eles, criando um contorno entonacional encompassador. É a mesma ligação que existe entre o verbo e SN

absolutivo (Kukakísâ → kukakisâ, objeto transitivo em 2a. e 2b; karáíha → karaihá, sujeito intransitivo em 1a). Compare-se com as construções em (3), genitiva e posposicional:

- (3) ekére “onça”
 ekeré tapârâ “rasto de onça”
 karaihá káega “perto dos caráíba”

Em Kuikúro há uma única série de clíticos pronominais que funcionam tanto nos verbos como nos nominais expressando a pessoa do possuidor e prefixados a posições. Não há nenhum tipo de referência cruzada, já que a ocorrência de argumentos nominais ou pronominais em forma presa é mutuamente excludente (exemplos 1a, b; exemplos 2a, c e). Sendo assim, podemos considerar os clíticos kuikúro como sendo verdadeiros argumentos, de natureza basicamente nominal.

A tabela abaixo mostra os clíticos pronominais kuikúro e os pronomes livres, a fim de evidenciar a relação etimológica entre eles:

4. SÉRIE ÚNICA DE CLÍTICOS PRONOMINAIS

	ABS	ERG
1	u-	u-héke
2	e-	e-héke
3	i- (∅)	i-héke
1(INCL)	ku-	kupéhe
1(EXCL)	ti-	ti-héke

Essas manifestações de ergatividade constituem a codificação básica de todas as construções declarativas, principais e dependentes, várias nominalizadas e certas interrogativas, como veremos em seguida.

Como recurso para marcar o agente de um verbo transitivo, o morfema heke codifica semanticamente a propriedade essencial do SN agente em Kuikúro, ou seja a de ser a causa ou fonte da ação ou evento, não se incluindo nesse seu campo e significação nenhuma qualificação de agente volicional ou controlador ou intencional. Não somente seres animados podem ser causadores:

5.

- a. Aulukumá nârâ i-héke
dizer 3-ERG

“Aulukuma disse a ele” (lit. “Ele fez falar Aulukuma”)

- b. tugá-heke léha ate-lâ-ko léha
água-ERG ASP circundar-PONT-PL ASP

“A água os circundou”

O morfema *heke* marca em Kuikúro, além do agente, um locativo que significa a distância entre dois pontos no espaço:

6. eté iháki postu-héke
aldeia longe Posto-LOC

“A aldeia está longe do Posto”

É de se pensar numa extensão metafórica do sentido do locativo e não surpreende o uso de um locativo para codificar o caso agentivo, fenômeno já registrado em várias outras línguas ergativas.

O status gramatical do sintagma *heke* é ambíguo, problemático, já que ele se comporta ora como um argumento direto do predicado, isto é como fosse um verdadeiro sujeito, ora como um complemento periférico, circunstancial e dispensável. Se tomarmos em consideração as propriedades de “sujeito” tradicionalmente estabelecidas, notamos que o SN *heke* controla a reflexivização exatamente como o faz o SN sujeito de verbo intransitivo:

7.

- a. Mâcâmâ oropí- já léha t- itú- na
voltar-PONT ASP REFL-aldeia-LOC

“Mâcâmâ voltou para sua própria aldeia”

- b. tâ - igâ kogki - tárâ itaó - héke
REFL-roupa lavar-CONT mulher-ERG

“A mulher está lavando sua própria roupa”

Por outro lado o SN *heke* se comporta como qualquer complemento circunstancial. Vimos que pode ser deslocado para o início da frase, antecedendo o núcleo SN absolutivo-verbo. Pode ser cancelado em subordinada quando coreferencial com o argumento da principal, enquanto os argumentos absolutivos não são nunca omitidos como se observa nos exemplos seguintes:

8.

- a. u- âgkâ -lâ- ti u- i- cárâ
1-dormir-PONT-DES 1-estar-CONT
"Estou querendo dormir"
- b. is- agkâ - lâ ti i- cárâ
3-dormir-PONT-DES (30) estar-CONT
"Ele está querendo dormir"
- c. torokirê igi- nâmfgo u-héke e-itirá ha-tómi
algodão trazer-FUT 1-ERG 2-rede fazer-FIN
"Eu trarei o algodão para fazer a sua rede"
- d. torokirê igi- nâmfgo u-héke u-itirá ha-tómi e-héke
algodão trazer-FUT 1-ERG 1-rede fazer-FIN 2-ERG
"Eu trarei algodão para você fazer a minha rede"

A dispensabilidade do SN heke é ilustrada pelas sentenças abaixo, onde a sua ausência permite uma leitura passiva ou impessoal. Observe-se que o verbo transitivo permanece em sua forma original não marcada:

8. lepéne kwirí hihf- já
depois mandioca descascar-PONT
"Depois se descasca a mandioca"

Por outro lado, é tão somente a acréscimo desse complemento a tornar transitivo um verbo originariamente intransitivo; lembro que é esse um dos recursos para a causativização em Kuikúro:

9. hâré té-lâ i- héke
flecha ir-PONT 3-ERG
"Ele flechou" (lit. "Ele fez ir a flecha")

1. 2 ALTERNÂNCIAS TRANSITIVO/INTRANSITIVO

Verbos transitivos e verbos intransitivos compõem duas classes maiores em Kuikúro. Há, na grande maioria dos casos, alternâncias relacionáveis entre forma transitiva e forma intransitiva, sendo esta última a marcada morfológicamente. Da produtividade dessa alternância mediada

por afixos são testemunhos os pares, exemplificados a seguir, em que ainda são reconhecíveis antigos prefixos verbais transitivizadores e intransitivizadores, agora lexicalizados como parte integrante da própria raiz do verbo:

10.

- a. u-onitun-tárâ iré kóko (INTR)
1-sonhar-CONT DEIT noite

“Eu estava sonhando a noite passada”

U-onikf-jâ iré kóko uñó-héke (TR)
1-sonhar-PONT DEIT noite marido-ERG

“Eu sonhei com meu marido a noite passada”

- b. u-akf-lâ léha (INTR)
1-cansar-PONT ASP

“Cansei-me”

u-akiná-lâ léha u-kacú-heke (TR)
1-cansar-PONT ASP 1-trabalho-ERG

“Meu trabalho me cansou”

- c. ilantun-tárâ (ITR)
(3)cozinhar-CONT

“Ele está cozinhando”

alá ilante-tárâ i-héke (TR)
cozinhar-CONT 3-ERG

“Ele está cozinhando ála”

- d. u-ahaki-lâ léha (INTR)
1-acordar-PONT

“Eu já acordei”

u-impakf-lâ léha i-héke (TR)
1-acordar-PONT ASP 3-ERG

“Ele já me acordou”

Outro conjunto de alternâncias transitivo/intransitivo é mediado pelo prefixo t-, forma que expressa reflexividade, como vimos em (7). Vejam-se abaixo pares de transitivo/intransitivo-reflexivo:

11.

- a. i-hicâ ihurukf-lâ léha i-héke
3-esposa entristecer-PONT ASP 3-ERG
"Ele entristeceu a sua esposa (de outro)"

i-ihicâ t-ihurukf-lâ léha
3-esposa REFL-entristecer-PONT ASP
"A esposa dele ficou triste"

- b. tâ-murú ikafn-jâ itaó-heke
REFL-filho levantar-PONT mulher-ERG
"A mulher levantou seu filho"

i-murú t-ikain-jâ léha
3-filho REFL-levantar-PONT ASP
"O filho dela se levantou"

- c. agá-ki u-âi-tárâ i-héke
genipapo-INST 1-fazer-CONT 3-ERG
"Ele está me pintando com genipapo"

agá-ki u-t-âi-tárâ
1-REFL-fazer-CONT
"Eu estou me pintando com genipapo"

- d. u-igumó-lâ léha e-heké-ni
1-dar/sono-PONT ASP 2-ERG-PL
"Vocês me dão sono"

u-t-igumó-lâ léha
1-REFL-dar/sono-PONT ASP
"Eu estou com sono"

A respeito da alternância altamente produtiva mediada pelo prefixo t-, observe-se que em vários casos há a possibilidade de uma dupla interpretação da construção marcada tanto como inerentemente reflexiva quanto como tendo um paciente indefinido do ponto de vista referencial e indicando um processo de natureza imperfectiva:

12.

- a. kumunketú-heke papé ahehi-cárâ
criança-ERG papel rabiscar-CONT
“A criança está escrevendo (n)o caderno”
- b. kumunketú t- ahehi-cárâ
REFL-rabiscar-CONT
“A criança está se rabiscando”
- c. humunketú t-ahehi-cárâ (papé-ki)
papel-INST
“A criança está rabiscando (um papel)”

A última construção, apresentando o paciente indefinido realizado como complemento instrumental e facultativo e o agente como argumento único de um verbo intransitivo, poderia ser definida uma anti-passiva. Na literatura sobre ergatividade e línguas ergativas (Dixon, 1979), construção ergativa e antipassiva compõem uma alternância paralela a entre ativa e passiva das línguas nominativo-acusativas. Veja-se ainda o exemplo (13):

13.

- a. kagá egé-lâ kuré-heke
peixe comer-PONT gente-ERG
“A gente (xinguanos) come o peixe”
- b. kuré t-iñampa-nârâ (kagá-ki)
REFL-alimentar-PONT (peixe-INST)
“A gente se alimenta (com peixe)”
“A gente come (peixe)”

Em Kuikúro, a incorporação além de ser fenômeno raro envolve somente o verbo e o seu paciente e, para isso, se realiza numa forma de tipo antipassivo, onde o incorporado é um complemento instrumental e o verbo resultante claramente intransitivo:

14. teniñâ uri-cárâ hâatf-heke
tabaco soprar-CONT pajé-ERG
“Os pajés estão fumando tabaco”

hâatí teniñâ-ki-gun-tárâ
 pajé tabaco-INST-VERB-CONT
 "Os pajés estão fumando"

1.3 AS CONSTRUÇÕES G-

Um tipo de construção semelhante à intransitiva marcada por t- é a que caracteriza as frases clivadas, relativas e interrogativas, nas quais o SN enfocado, relativizado ou interrogado é o paciente. Encontra-se, além disso, nas imperativas com uma pequena classe de verbos transitivos e em outras com verbo marcado por modos que significam convite a empreender uma ação (Modo Hortativo) ou a intenção incumbente do falante em realizar uma ação (Modo Intencional). Começemos pelas relativas; compare-se a construção ergativa em 15.a com a relativa de objeto em 15.b e as relativas de "sujeito" em 15.c e 15.d:

15.

- a. kocoró apf-lâ karaihá-heke
 cachorro bater-PONT branco-ERG
 "O branco bateu no cachorro"
- b. kuré té-lâ léha [karaihá g-api-pârâ]
 gente ir-PONT ASP [branco OBJ-bater-PERF]
 "A pessoa em que o branco bateu foi embora"
- c. kuré igf-lâ u-heke [karaihá api-nf(mâgâ)]
 gente ver-PONT 1 - ERG [branco bater-NOM]
 "Eu vi a pessoa que bateu no branco"
- d. karaihá [tâ-te-ñâ] igf-lâ u-héke
 branco [ADJ-ir-ADJ] ver-PONT 1-ERG
 "Eu vi o branco que foi embora"

Os exemplos acima mostram a distinção feita pelo Kuikúro entre relativas (nominalizadas) de objeto, de um lado, e de "sujeito", do outro. Nas primeiras, o prefixo g- marca uma forma verbal intransitivizada, como nas "anti-passivas", já que o agente não aparece no sintagma -heke, na ausência de um argumento objeto direto. Note-se que a relativa ocorre preferencialmente após a principal ao invés de seguir imediatamente o constituinte que ela modifica; evita-se, assim, a formação de um sintagma "pesado" no interior da sentença nuclear.

Já a relativização de “sujeitos” se constitui em nominalizações diretas que se tornam modificadores de SN, como em 15.c através de um nominalizador agentivo para verbo transitivo e em 15.d através de afixos adjetivadores para verbo intransitivo.

A formação de intrerrogativas segue o mesmo padrão. Veja-se nos exemplos abaixo construções que interrogam o objeto, o “sujeito” transitivo e o “sujeito” intransitivo, respectivamente:

16.

- a. tâma e-g-ilante-tárâ-f
INTR 2-OBJ-cozinhar-CONT-COP
“O que é que você está cozinhando?”

- b. tâma alá ilante-ta-tiñí
INTR ala cozinhar-CONT-NOM
“Quem está cozinhando ála?”

- c. tâma t-ilinatun-ta-tiñâ-i
INTR ADJ-cozinhar-CONT-ADJ-COP
“Quem é que está cozinhando?”

Interrogativas que não operam sobre argumentos revelam uma construção normal:

17.

- a. tâ-fña alá ilante-tárâ e-héke
INTR-para ala cozinhar-CONT 2-ERG
“Para quem você está cozinhando ála?”

- b. únama e-ilantun-tárâ
INTR 2-cozinhar-cont
“como você está cozinhando?”

Como dissemos anteriormente, a construção marcada por g- caracteriza em Kuikúro os modos que expressam a interação direta entre os participantes do evento de fala. Imperativo, Intencional e Hortativo têm uma função pragmática comum. Dentro desses modos, somente o Imperativo limita a construção g- a uma pequena classe de verbos (he- “golpear, matar”, ege- “comer”, ha- “fazer (materialmente)”, âi- “fazer (imaterialmente)”. Todas as construções g-, contudo, apresentam a característica de ter o paciente deslocado à direita do verbo, ou seja não mais em sua posi-

ção conônica:

18. Imperativo

- a. e-g-egé-ke-ha kága
2-OBJ-comer-IMP-ENF peixe
“Coma o peixe!”
- b. apf-he ekfse
bater-IMP ele
“Bata nele!”
- c. e-tiñampá-ke-ha
2-comer-IMP-ENF
“Coma”

19. Intencional

- a. koréci u-g-uhí-cái túga
amanhã 1-OBJ-procurar-INTC água
“Amanhã irei procurar água”
- b. koréci túga uhí-cái u-héke
amanhã água procurar-INTC 1-ERG
“Amanhã irei procurar água”

20. Hortativo

- a. ku-g-afí-ni ekfse
1 DUAL-OBJ-bater-HORT ele
“Batamos nele!”
- b. kuk-agú-ni
1DUAL-dançar-HORT
“Dancemos!”

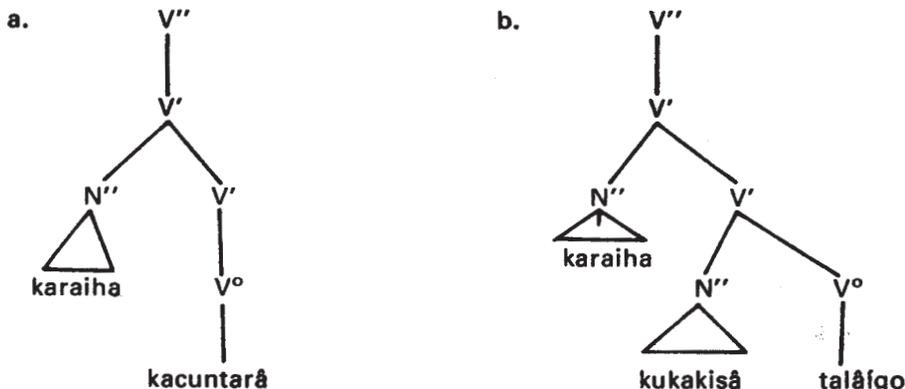
II. PROPOSTA DE ANÁLISE

O propósito desta segunda parte do trabalho é propor uma análise preliminar dos fatos kuikúro, expostos na primeira parte, através de um tratamento compreensivo e o mais corente possível do padrão ergativo de marcação morfológica de caso, que cria uma simetria de superfície entre os constituintes S e O, e, ao mesmo tempo, da assimetria no compor-

tamento desses mesmos elementos, os absolutivos, na formação das construções d-, ilustradas na seção I.3.

Para isso, é preciso chegar a uma representação das estruturas frasais do Kuikúro que explique o status sintático dos argumentos verbais e do sintagma ergativo (SN-heke). Tal representação deveria incluir, também, princípios do mapeamento da estrutura conceitual das relações temáticas das entradas lexicais verbais nas correspondentes configurações sintáticas.

Nomes, posposições e verbos em Kuikúro são agentes cujo argumento regido se coloca sem exceções a sua esquerda (esquema OV); a atribuição de caso - diacrítico sintático- se dá nessa direção e é fenômeno da estrutura S, ou seja após qualquer operação de tipo "move α ", realizando-se na Forma Fonológica (Filtro de Caso). Veja-se as configurações frasais abaixo; em (a) e (b) se projetam as estruturas argumentais de verbos intransitivos e transitivos, respectivamente (exemplos 1 e 2.a, 2.a):



Como se vê das árvores em (a) e (b), nossa hipótese é de que a estrutura frasal em Kuikúro é codificação sintática da estrutura argumental do verbo, sendo que não haveria um nó Flexão independente. Os sufixos verbais não incorporam nem elementos de concordância, nem elementos propriamente temporais, mas sim um conteúdo aspectual que sobredetermina inferências de natureza temporal (para o Modo Referencial, Pontual vs. Continuativo; vários Modos Interativos). Observe-se a isomorfia entre sintagmas verbais e os sintagmas nominais exemplificados em 3; no verbo encontramos o sufixo -râ, o mesmo que indica POSSE na construção genética.²

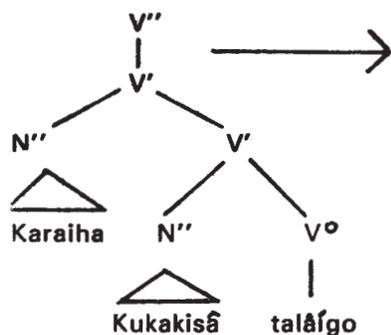
Em termos de configuração frasal, o argumento regido pelo núcleo verbal não ocupa a mesma posição a nível da estrutura -D, projeção sintática da estrutura argumental. Essa assimetria profunda é a que se re-

flete nos fatos das construções g-. Procurando explicar estas últimas, propomos a existência da atribuição de dois Casos pelo núcleo verbal transitivo: um Caso Objetivo inerente - Caso semântico - atribuído ao objeto direto de V e um Caso estrutural, atribuído sob a condição de adjacência imediata ao argumento que antecede V. Se a relação de Caso estrutural se dá entre o núcleo verbal e o nominal a ele adjacente à esquerda, relação realizada na Forma Fonológica através de uma ligação suprassegmental, esse nominal ocupa diferentes posições sintáticas em (a), com verbo [-transitivo], e em (b), com verbo [+transitivo]. Em (a), ele está numa posição argumental de Especificador de V': em (b), ele está em posição argumental de Objeto Direto de V. Essas duas posições receberiam do verbo, na Estrutura-D, os papéis temáticos de Tema e Paciente respectivamente; na Estrutura-S ou na Forma Fonológica receberiam ambos o Caso (estrutural) Absolutivo. Essa assimetria sintática - que é da mesma natureza da assimetria sujeito/objeto- dá conta, como veremos logo em seguida, da assimetria encontrada nas relativas e interrogativas e na construção g- no caso de deslocamento do Objeto Direto.

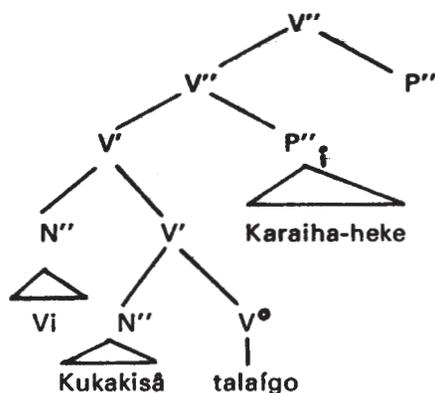
Abordamos, agora, a questão do status do SN-heke, o que nos leva a algumas reflexões sobre outra questão mais geral, a do status de Sujeito em línguas com morfologia ergativa como o Kuikúro. Ou seja, como entender a "fragmentação" já mencionada das chamadas "propriedades de sujeito" entre os argumentos regidos pelo verbo e o SN-heke e como dar conta da simetria entre sujeito/argumento de verbo intransitivo e SN-heke nas construções g-?³

Examine-se as configurações em c e d abaixo:

c. E-D



d. E-S



Nossa hipótese é que o sintagma posposicional é a realização na Estrutura-S de um argumento gerado na Estrutura-D na mesma posição

de especificador de SV, posição de sujeito, como se vê na configuração em b. É nessa relação argumental com o núcleo verbal que ele recebe papel temático (Agente/Causa/Fonte). Encontra-se, porém, em posição na qual não pode receber Caso: numa configuração com verbo [+transitivo], tanto o caso inerente como o caso estrutural recaem sobre o mesmo argumento, o objeto direto. É ele, assim, obrigado a se juntar a um marcador de caso, a posposição *heke* que, transparentemente, codifica seu papel temático. Parte, agora, de um sintagma posposicional com o comportamento de qualquer outro complemento periférico, o SN-*heke* se move para uma posição de adjunto a V^o. Temos, na Estrutura-S, então, uma cadeia temática onde o primeiro elemento -vestígio de SN- está em posição argumental temática e o último em posição casual, um sintagma posposicional. É esse mapeamento de correspondências entre os dois níveis da representação sintática que explicaria as "propriedades de sujeito" do SN-*heke*. Os fatos do Kuikúro apontam, assim, para a possibilidade de haver mais do que uma única posição gerada de sujeito (como especificador de FLEX ou como especificador de SV na ausência de FLEX), o que implica numa parametrização do universal "sujeito", pelo menos em termos configuracionais (Borer, 1986; Guéron, 1989). Por outro lado, uma vez colocada a ergatividade de uma língua como o Kuikúro a nível de um fenômeno de superfície, deve ser novamente discutida a hipótese da existência de línguas "sintaticamente ergativas", as quais, sobretudo para os tipologistas, negariam a universalidade da categoria de sujeito sintático, pura e simplesmente.

Ao olharmos mais especificamente a construção ergativa e a configuração em d acima, percebemos estar diante de um esquema de tipo passivo, onde o SN-*heke* parece ter as características de uma "by-phrase". Isso lembra, sem dúvida, as primeiras interpretações da ergatividade. Marantz (1984), ao analisar o sintagma-by das passivas em inglês, nota que o objeto de *by* carrega a inteira gama de papéis semânticos típicos do sujeito lógico (agente, experienciador,, tema, alvo, etc). O mesmo poderia ser dito do sintagma-*heke* do Kuikúro. Tentando acompanhar o raciocínio bastante complexo de Marantz na elucidação sintática dessa passividade/ergatividade derivada da construção transitiva Kuikúro, diríamos que, como o faz o autor, a posposição -*heke*, como a preposição *by*, atribui ao seu objeto lógico o papel semântico atribuído pelo predicado (verbo e seu objeto) que o modificador que o próprio -*heke* produz modifica.

É possível, a esse ponto, vislumbrar certas relações indiretas e como que invertidas entre o fenômeno de superfície da ergatividade/passividade Kuikúro e a estrutura dos chamados verbos inacusativos ou ergativos (Burzio, 1986). Trata-se, diria, de confrontar o comportamento de su-

jeito e objeto nos dois casos; numa língua como o Kuikúro temos uma simetria na E-S em termos de marcação de caso e temos a impossibilidade do verbo transitivo atribuir caso ao seu "objeto". Nos verbos inacusativos ou ergativos essa relação se dá pelo fato do verbo não atribuir caso ao seu objeto, o que determina o movimento deste para a posição vazia de sujeito, onde ele pode receber, do núcleo de FLEX, caso nominativo.

Em termos das correspondências entre estrutura conceitual das relações temáticas das entradas lexicais verbais e sua codificação sintática, podemos adotar e adaptar o modelo de Jackendoff (1987) e oferecer as seguintes formalizações para a entrada lexical de um verbo intransitivo como *kacun-tará* (ex. 1) em A e para a entrada lexical de um verbo transitivo como *ta-lágo* (ex.2) em B:

A. *kacun-tará*

[-N, +V]

[-transitivo]

[Evento *kacun-* ([Coisa]_j) (onde o argumento Coisa_j é o Tema e realizado como Especificador de SV)

B. *ta-lágo*

[-N, +V]

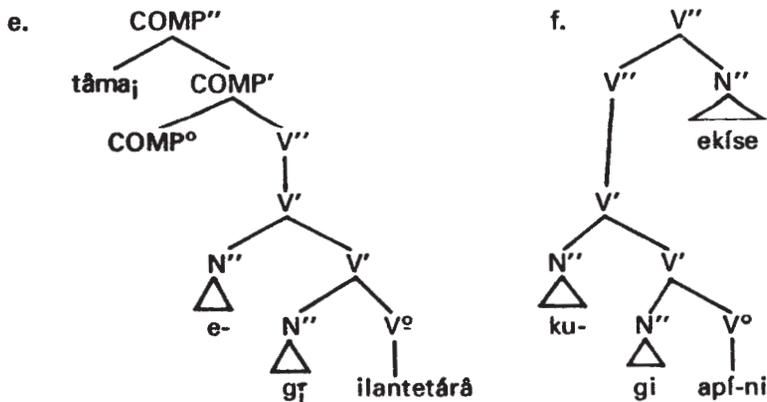
[+transitivo]

[Evento CAUSA [Evento IR ([Coisa]_j, FONTE ([Coisa]_k)]]

(onde o argumento Coisa_j é o Paciente e realizado como Objeto Direto; o argumento Coisa_k de FONTE é realizado como sintagma posposicional)

Acrescentamos que os dois argumentos da função temática CAUSA em B são subcategorizados pelo verbo transitivo, sendo ambos necessários e interdependentes na expressão de sua transitividade: um evento que parte de uma Fonte instigadora causadora e atinge um Paciente definido.

Uma vez interpretadas as estruturas frasais básicas do Kuikúro, vejamos porque é que elas explicam as construções g- exemplificadas na seção I.3. Vimos que estas caracterizam relativas e interrogativas de objeto e, com os Modos Interativos, ocorrem quando o mesmo objeto direto se encontra deslocado a direita do verbo. Vejam-se as configurações abaixo, representando uma interrogativa de objeto (ex. 16.a) e uma frase com modo Hortativo e objeto pós-verbal, numa posição definível como de um anti-tópico (ex. 20.a):



No momento não podemos oferecer uma interpretação definitiva da natureza do morfema *g-*, mas apenas colocar algumas hipóteses, constatado o fato de que ele não é um clítico pronominal e não constitui uma barreira para a atribuição de caso estrutural pelo V. Provavelmente, trata-se, como no caso do sintagma-*heke*, do resultado de outra regra morfológica pós-lexical. Poderíamos considerá-lo uma variável fonologicamente realizada, marcada por caso inerente, que, coindexada com um elemento em posição não-argumental - COMP no caso de interrogativas e relativas ou um adjunto no caso dos Modos Interativos - com ele constitui uma cadeia casual. Poderíamos, por outro lado, considerar *g-* um Marcador de Objeto, exigido pela transitividade do verbo, sem nenhuma papel nos processos de atribuição de caso. O elemento movido da posição de objeto direto para COMP ou para adjunto a V'' carregaria consigo o caso inerente objetivo, passando, assim, satisfatoriamente pelo Filtro de Caso. O morfema *g-* seria, contudo, invisível para a atribuição de caso estrutural, que, agora, recai sobre o argumento adjacente ao verbo, aquele em posição de especificador de SV, como numa estrutura intransitiva. Marcado por caso, este elemento, agora, não precisa mais ser movido e permanece em sua posição original. Quanto aos recursos utilizados para a relativização e interrogação dos outros argumentos, temos, agora, uma indicação, que precisa ser explorada, no que diz respeito às nominalizações das interrogativas e relativas de sujeito. Parece não haver movimento e tais nominalizações, distintas já que adequadas à transitividade ou não do verbo, seriam geradas numa estrutura predicativa, como indica o predicador *-i* na frase 16.c. Aliás, como explicar a ocorrência frequente do mesmo sufixo copular *-i* na interrogativa de objeto em 16.a? Não temos, por enquanto, respostas a essas perguntas. Por outro lado, obviamente, a interrogação de adjuntos se processa sem modificar a estrutura de projeção dos argumentos ver-

bais.

Algumas palavras merecem o problema das alternâncias transitivo/intransitivo mediadas pelo prefixo reflexivo t-, fenômeno descrito na seção 1.2.

Consideramos a afixação de t- como processo lexical que marca a derivação de entradas reflexivas/antipassivas de verbos [+transitivos]. Seguindo a análise lexical dos reflexivos/intransitivos derivados proposta por Marantz (1984), atribui-se ao afixo um conjunto de traços que possam dar conta exhaustivamente dos dependentes semânticos do verbo afixado. Esses traços incluem os de um pronome reflexivo (algo transparente em Kuikúro) e o traço [-transitivo]. Daí a dupla leitura possível da construção t- como mera reflexiva, onde o t- seria um clítico anafórico em posição de objeto com seu antecedente em posição de "sujeito", ou como mera intransitiva, caso em que ao evento é retirada sua transitividade por não atingir um paciente definido. Vemos que, em Kuikúro, a coreferência entre agente e paciente - reflexividade - faz com que este último não tenha o peso de um argumento pleno.

Considerado que em Kuikúro a entrada lexical de qualquer verbo [+transitivo] apresenta uma estrutura argumental que contém primordialmente o elemento semântico CAUSA - como vimos anteriormente -, é possível oferecer uma síntese preliminar dos pares de alternâncias transitivo/intransitivo como pares de alternâncias causativo/anticausativo (Marantz, 1984). Em termos dos meios de expressão da anti-causativização, os verbos kuikúro podem ser subdivididos em quatro classes principais. Da primeira classe fariam parte as alternâncias de dois verbos básicos relacionados no léxico, como é o caso do verbo te- "ir [-transitivo]" e do verbo te-, "fazer ir [+transitivo]". Da segunda classe fariam parte as alternâncias marcadas por morfologia reflexiva (prefixo t-). Além disso, haveria uma terceira classe de verbos para os quais a alternante transitiva é básica, sendo que a anti-causativa não-marcada implica numa leitura passivo-impessoal, como mostra o verbo hihi-, "descascar", no exemplo 8. Ainda uma quarta classe incluiria verbos transitivos que não têm nenhuma alternância possível anti-causativa, como os verbos que chamei de "alta transitividade" ("comer", "matar", "fazer").

III. A ERGATIVIDADE KUIKÚRO: ALGUMAS CONCLUSÕES

As propostas de análise dos fatos do Kuikúro, apresentadas na seção anterior, nos levam a algumas conclusões relativas à natureza sintática da ergatividade dessa língua:

1. O padrão de tipo ergativo da marcação morfológica de caso é fenômeno de superfície, sendo resultado da interação entre os princípios da Teoria de Caso e a parametrização do sintagma FLEX.
2. Não há projeção de um nóculo FLEX e a estrutura frasal corresponde à codificação sintática dos dependentes verbais. Apesar de ser uma questão ainda em fase de exame preliminar, observamos a existência de uma posição "sujeito" únivoca na E-D tanto transitiva como intransitiva, embora não estejamos diante de uma posição canônica de sujeito, considerada esta do ponto de vista das línguas mais conhecidas do ocidente.
3. Há processos produtivos de alternâncias causativo (transitivo) / anticausativo (intransitivo), sobretudo mediadas por afixação verbal. Em síntese, é marcada toda construção em que é "subtraído" o argumento Paciente/Objeto plenamente lexicalizado de um verbo transitivo.
4. O Kuikúro não seria uma língua "sintaticamente ergativa", nem nos termos de Dixon (1979), nem nos termos do Parâmetro da Ergatividade proposto por Marantz (1984). Caracteriza-o, sim, uma realização superficial da transitividade de tipo passivo. Nesse sentido, é de ser revista a tipologia correntemente estabelecida que classifica as línguas em "ergativas" e "nominativo-acusativas", na base de uma análise sintática mais aprofundada, a fim de definir exatamente o que o padrão ergativo de marcação de caso expressa. Para isso, será necessário não apenas explorar a sintaxe de uma única língua como o Kuikúro, como também empreender o exame comparativo de outras línguas da mesma família - a Karlbe - e da grande área linguística das terras baixas da América do Sul tropical.

NOTAS

1. Este artigo teve como seu ponto de partida a comunicação apresentada por ocasião do Seminário "Sistemas de marcação de Caso", realizado no IEL/UNICAMP em 18 e 19 de novembro de 1989. Quanto aos colegas que de alguma maneira contribuíram a ele, gostaria de agradecer: Lucy Seki pela organização do Seminário, que tirou as línguas indígenas do gueto; Charlotte Galves, Mary Kato e Aryon D. Rodrigues, que me fizeram pensar; Yonne Leite e Márcia D. Vieira e Marília Facó pela troca de idéias; Maria Angela B. Pereira, que me apontou soluções. Tudo isso de rápidos encontros que tivemos.

A língua Kuikúro é uma das quatro variantes do Karlbe falado na região dos formadores orientais do rio Xingu (Mato Grosso); seus falantes habitam uma única aldeia de cerca de 150 pessoas na margem esquerda do Rio Kuluene.

A grafia dos dados é fonêmica: o grafema *â* representa uma vogal central, foneticamente entre [ə] e [i], r representa um flap ou fricativa uvular; g, uma nasal velar, j uma oclusiva palatalizada sonora.

2. A forma “flexionada” do verbo pode ocorrer na função de um nominal como na frase abaixo:

u-ihurukf-lâ e-te-lâ heke
1-entristecer 2-ir-PONT ERG

“Entristeceu-me o teu ter ido embora”

3. Compare-se os fatos do Kuikúro com o que diz Derbyshire (1985:141,144) do sintagma-wya que codifica o agente de verbos transitivos em subordinadas e causativas em Hixkaryana, língua karíbe do Amazonas: “The wya-phrase, when it functions as indirect object, has all the properties of any adjunct... There are, however, many other functions that wya-phrases express... in particular when they occur in transitive subordinate clauses to express the underlying subject role, they have special properties that do not apply in general to adjuncts... These wya-phrases can trigger t- reflexivization... Equi-NP deletion rule operate to delete the wya-phrase when there is identity of reference between [initial subject] of the main and subordinate clauses... For the moment I leave open the question whether the wya-phrase in Hixkaryana calls for a separate final grammatical relation (aqui o autor se refere ao termo/argumento objeto indireto) distinct from adjunct. I regard it certainly as representing an initial 1 relation (sujeito), but I am content (though not entirely satisfied to regard the surface form as a subtype of adjunct, which corresponds to a (nonterm) oblique object in Relational Grammar”.

A presente análise da ergatividade Kuikúro talvez esclareça a sintaxe dessa ergatividade “residual” (aqui está uma insinuação diacrônica) do Hixkaryana.

3. A posição de adjunto, quando este não é realçado por uma topicalização que o moveria para o início da frase, é após o verbo. Observe-se que na configuração (d), há duas segmentações possíveis de V’’: a mais baixa é a posição de um adjunto especial como o sintagma-heke e a mais alta é a posição de qualquer outro adjunto (modo, locativo, temporal, extraposições, etc.). A sequência Objeto-Verbo-Spp (Agente) é interpretada como ordem básica Objeto-Verbo-Sujeito (OVS) em várias línguas, sobretudo karíbe, pela tipologia de ordem de palavra (Derbyshire, 1985). Assim, considerar o Kuikúro, como o Macuxi e Pemón, outras línguas karíbe com morfologia ergativa dominante, como “línguas OVS” é afirmação que deveria ser redimensionada a partir de uma análise sintática mais profunda. Sem dúvida, o Hixkaryana gramaticalizou o padrão OVS, tendo perdido a marcação morfológica de caso (nas frases intransitivas a ordem é VS), hipótese proposta pelo próprio Derbyshire.
4. Seria interessante correlacionar o afixo g- em Kuikúro com o clítico de terceira pessoa n- do Hixkaryana e outras línguas do mesmo agrupamento linguístico karíbe. Nessas línguas, onde encontramos manifestações de concordância ausentes em Kuikúro, n- ocorre somente quando não há um SN independente, Paciente de verbo transitivo, com ele coreferente (caso contrário, em Hixkaryana, seria y-).

BIBLIOGRAFIA

- BORER, H. (1986) "I-Subjects". In: *Linguistic Inquiry*, Vol. 17, nº 3 (Summer, 1986), 375-416.
- BURZIO, L. (1986) *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*, D. Reidel Publishing Company, Dordrecht, Holland.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- . (1982) *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- DERBYSHIRE, D. (1985), *Hixkaryana and Linguistic Typology*, Summer Institute of Linguistics and The University of Texas at Arlington.
- DIXON, R.M.W. (1979), Ergativity. In: *Language* 55, nº 1, March 1979.
- FRANCHETTO, B. (1986) *Falar Kuikúro: estudo etnolinguístico de um grupo karibe do Alto Xingu*, Tese de Doutorado, Antropologia, Museu Nacional, UFRJ.
- . (1990) "Ergativity and Nominativity in Kuikuro and Other Carib Languages", In D. Payne (ed.) *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*, University of Texas Press, Austin, 407-428.
- GUÉRON, J. (1989), "Subject, Tense and Indefinite NPS", Université de Paris III, Ms.
- JACKENDOFF, R. (1987) "The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory". In: *Linguistic Inquiry*, Vol. 18, nº 3. Summer 1986, 369-411.
- MARANTZ, A. (1984), *On the Nature of Grammatical Relations*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- VAN RIEMSDIJK, H. and Williams, E. (1986), *Introduction to the Theory of Grammar*, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.